

A IGREJA CRISTÃ NA HIPERMODERNIDADE:¹ ENTRE A CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA E O CAPITALISMO - UM ESTUDO DE CASO -

Fábio Augusto Darius²

RESUMO

O presente artigo aborda a estreita relação entre teoria e prática ecológica planetária na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Enquanto a literatura – bem como o discurso – denominacional desde seus primórdios, ainda no século XIX, é bastante profícua e abrangente, sugerindo preservação ambiental em todos os níveis, a Hipermodernidade, ao levar às últimas consequências o “American way of life”, instiga fundamentalmente esses elementos básicos da igreja, seja nos Estados Unidos, Brasil ou no mundo. Essa vivência harmoniosa entre homem e natureza, conseqüentemente propicia a percepção dessa faceta constitutiva da identidade institucional. Por esse viés, há incidentalmente a reafirmação do processo e da busca da missão profética da igreja. Essa missão originalmente clama para uma consciência ecológica planetária bem como para os valores coletivos da sociedade, em virtude da visão holística da igreja. A pretensão do texto, portanto, é fomentar a partir desse estudo de caso, uma discussão histórica e teológica cujo objetivo basilar é refletir a contribuição e a responsabilidade da igreja cristã com relação a essa consciência em um mundo capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Adventistas. Ecologia. Consciência planetária

ABSTRACT

The article discusses the close relationship between theory and practice in global ecological at Seventh-day Adventist Church. So the literature - as well as speech - follower since its beginnings in the nineteenth century, is very useful and included by encouraging conscience and environmental preservation at all levels. But the Hypermodernity, takes to the last consequences the “American way of life”, by, fundamentally, encourages these basic elements of the church, in the United States, in Brazil or on the whole world. This experience harmony between man and nature, therefore gives the perception of this constitutive facet of institutional identity. Thus, there is incidental a change in the process and the prophetic mission of the church. This mission demands for an originally planetary ecological consciousness and collective values of society. The purpose of this text is encouraging a historical and theological discussion whose goal is to reflect the basic contribution and responsibility of the Christian church about this conscience in a capitalist world.

KEYWORDS: Adventists. Ecology. Planetary consciousness

¹ Utilizo o termo “hipermodernidade”, ao invés de “Pós-Modernidade”, para dar vazão ao pensamento do filósofo francês contemporâneo Gilles Lipovetsky. Ao falar em hipermodernidade, ele trata do gozo à angústia contemporânea, não necessariamente afirmando que o presente estado de coisas é de fato prejudicial, mas tão indefinidamente fugaz e mutável, que acompanhar tal transformação mostra-se impossível. Como exemplo, tome-se o “hipertexto” da web. Para maiores informações, vide: LIPOVETSKY, Gilles; Charles, SÉBASTIEN. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

² O autor é Historiador, mestre em Teologia Histórica e doutorando na mesma área pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, RS. Sua tese aborda a “dimensão ecológica” na formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. fabiodarius@aol.com

INTRODUÇÃO

A questão da consciência planetária se arvora como sendo relativamente nova no universo ocidental ou judaico-cristão apesar de a própria Bíblia apontar elementos que demonstrem a necessidade de cuidado e reforma, principalmente em contextos negativos, como magistralmente explicitado no livro homônimo do profeta Oséias, no capítulo 4, versos 1-3, dentre outros³. Esse despertar pode ser entendido como reação imperativa ao descaso ambiental ocasionado pelo progresso industrial desenfreado durante os séculos precedentes (principalmente os três últimos), mas deve ser analisada também como tentativa urgente e necessária de conceber ou ressuscitar meios e formas de interação pacífica⁴ do homem com a Natureza, sob pena de extinção da vida humana.

Foi somente nos anos 60 do século XX, auge dos movimentos dos insatisfeitos estudantes da França e ao redor do mundo, bem como com a crise de valores na América do Norte e Europa, guerras de independência na África e de ideologia na Ásia, além de golpes militares em toda a América do Sul que aparentemente pela primeira vez surge, da pena de uma mulher, um livro que chama a atenção para o problema ambiental. A bióloga Rachel Carson ao lançar – dois anos antes de sua morte – o livro “Primavera Silenciosa”⁵ suscitou debates acerca da ganância capitalista em face da destruição do ambiente.

É justamente nesse contexto conturbado de uma realidade pessimista que pouco a pouco a Hipermodernidade foi ganhando forma e, segundo Gianni Vattimo (2001:102):

aparece como uma espécie de Renascimento dos ideais banidos e cassados por nossa modernidade racionalizadora. Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não podemos mais falar da história como algo de unitário e quando morre o mito do Progresso. É a emergência desses ideais que seria responsável por toda uma onda de comportamentos e de atitudes irracionais e desencantados em relação à política e pelo crescimento do ceticismo face aos valores fundamentais da modernidade⁶.

³ Concorda com a afirmação o Prof. Dr. Uwe Wegner, ao afirmar que “os contextos bíblicos em que mais aparecem referências a crises ecológicas são nitidamente contextos de juízo”, exatamente como se percebe atualmente. (WEGNER, Uwe. **Bíblia e Ecologia**. Belo Horizonte: CEBI, 1992, p.34)

⁴ Os teólogos conservadores contemporâneos costumam ter uma posição bastante ortodoxa acerca do texto de Gênesis 1:27 e 28, afirmando que ao homem pertence toda a Terra e, assim sendo, tem autoridade emanada do próprio Deus para explorar os recursos como convier. De fato, “sujeitar” e “dominar” são sinônimos de “supervisionar” e “guardar”, embora não estejam em oposição. O “domínio” está longe de ser uma licença para destruir. A esse respeito, recomendo a leitura do artigo do professor e biólogo Henry Zuill, disponível em http://dialogue.adventist.org/articles/19_1_zuill_p.htm.

⁵ O livro basicamente leva, nos Estados Unidos, a proibição do DDT e outros pesticidas, além de fomentar a criação de uma agência de proteção ambiental.

⁶ VATTIMO, G. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.102. Concorda com o autor o historiador Hélio Jaguaribe em sua obra *Um Estudo Crítico da História*, ao afirmar que “para os autores pós-modernos, a pós modernidade significa um momento no período contemporâneo em que as premissas básicas da Idade Moderna não podem mais ser sustentadas. A “modernidade” – essa modernidade que para eles não pode mais ser sustentada – caracterizou-se pela convicção do

Portanto, o tempo atual, nascido a partir da segunda metade do século passado, gestado durante as duas guerras de proporções mundiais que ceifaram a vida de aproximadamente cem milhões⁷ de pessoas trouxe a urgência de uma transformação radical para a manutenção da ordem e do progresso, ainda que pensado de forma distinta. De um mundo cansado de guerras e impaciente com a política, em um ambiente de independências territoriais e sexuais, a Igreja, enquanto *corpus christianum* de fato teria que se reestruturar formulando uma teologia que amparasse às minorias e incluísse em sua pauta uma temática conciliadora com o planeta e toda a sua diversidade.

A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA PLANETÁRIA E A HIPERMODERNIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, considera-se que não somente o *modus vivendis* contemporâneo foi com isso, aos poucos, sendo alterado⁸, mas também, de forma incisiva, no seio da Igreja Católica houve acentuada mudança: pela primeira vez desde a Idade Média, estavam os pobres no centro das atenções. Essa tentativa de mudança de paradigmas altamente necessária para o pensar transformador abriu – juntamente com a proposta ecológica de Carson – espaço para que temas até então bastante periféricos como o da questão ambiental e consciência planetária pudessem ser finalmente debatidos com o caráter de urgência devido, ainda que de forma tímida.

Porém, em meio aos diálogos ecumênicos e propostas de mudanças, o mundo encontrava-se bipolarizado em um jogo mundial de poder político-militar que penetrava e mesmo perspassava o ambiente religioso. O comunista, grande e com o rosto vermelho, irreligioso e perseguidor de crianças indefesas era o grande inimigo a ser vencido, juntamente com o seu mundo altamente burocratizado e vigiado pelo Estado e seu implacável ditador⁹. O Papa Pio XI (cujo pontificado foi de 1922 a 1939) “simpatizava com o fascismo, desconfiava do socialismo e atacava o comunismo. O

progresso histórico e da legitimidade universal e permanente dos fundamentos ontológicos e éticos do discurso e do comportamento racional.

⁷ O célebre historiador inglês Erich Hobsbawn, em seu livro *A Era dos Extremos (Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.) aborda de forma bastante acurada a problemática do início do século e apresenta os números aproximados das baixas de ambos os lados na Grande Guerra e também na Segunda Guerra Mundial.

⁸ Nunca antes na história documentada os estudantes haviam invadido a Universidade de Paris ou se insurgido de forma tão organizada como em Maio de 1968, que quase provocou a queda do governo francês. Isso sem dúvida, aliado ao movimento *hippie* nos Estados Unidos e a todos os “rebeldes” latino-americanos, desde Caetano Veloso no Brasil até Victor Jara, no Chile, evocou mudanças comportamentais que certamente fugiam ao escopo dos dias de então e ainda hoje causam discussões.

⁹ Era costume nas escolas católicas fervorosa prece a favor do Exército Brasileiro, que deveria bravamente lutar contra a opressão certamente proporcionada pelos russos. É notório que, às vésperas do Golpe ou Revolução de 1964, a Igreja, com esse temor, apoiou os generais na tomada do poder.

mal maior, assim pensava, a vitória do nazismo sobre o comunismo”.¹⁰ Devastador parecia ser o perigo que vinha do Oriente: com crescentes e bem articulados discípulos políticos, além do apoio de artistas e intelectuais dos mais variados, Cuba – pouquíssimos quilômetros distante da rica Miami, que justamente oferecia os maiores e melhores bens que o capitalismo podia oferecer – a grande China e outros países insurgentes, caso não combatidos, ameaçariam perigosamente séculos de desenvolvimento capitalista bem como o pensamento e as virtudes professamentecristãs.

Obrigatoriamente contrário ao sistema socialista, o estadunidense comum vendia ao resto do planeta um ideal absolutamente nada idílico, porém altamente desejado por uma grande horda de pobres e desiludidos com a existência: o consumismo desenfreado em uma vida de luxos e prazeres, proporcionando um grande e irrefreável ciclo de consumidores convictos, que em contrapartida mantinham os empregos estáveis, bem como as taxas de juros. Muito embora essa classe média obcecada pelo sonho materialista proporcionado por um praticamente livre controle estatal mantivesse acesa a guerra no Vietnã – justamente para evitar o propalado desastre que causaria o comunismo – este paradigma parecia ser muito melhor que o proporcionado pelo rival do Oriente, onde a alegação principal era a falta de liberdade.¹¹

Nesse contexto de urgência e sob constante risco de hecatombe mundial, problemas como o da poluição atmosférica, bem como o dos rios e mares parecia distante das questões emergenciais em pauta. Na verdade, inclusive também por essa ameaça de morte iminente, as barreiras conservadoras estadunidenses foram pouco a pouco quebradas, sendo que o mote era viver o máximo possível em um tempo mínimo. A Europa parecia seguir pelo mesmo caminho: para citar o caso europeu, eis na França de Sartre o existencialismo como grande modelo. Parecia existir em todo o processo um grande ciclo retroalimentado.

Exatamente esse *american way of life*¹² fomentado pela política interna e externa dos Estados Unidos provocou, em certo sentido, uma dicotomia nos valores há muito arraigados, baseados em grande medida, entre outros, no ideal puritano oriundo desde a fundação das Treze Colônias. Mas não só: também o ideal metodista, proveniente de forma mais enfática desde o chamado Primeiro Reavivamento, no final do século XVIII bem como a herança batista, em suas diferentes expressões, foram de certa forma desafiadas pelo ideal capitalista que preconizava um consumismo à exaustão

¹⁰ Cf. DREHER, Martin. **A Igreja Latino Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 191.

¹¹ É interessante notar que em todas as pujantes guerras do século XX, a liberdade surgiu como grande lema ou pano de fundo, servindo tanto os ideais democráticos como aos ditatoriais, como ocorreu no século anterior.

¹² Embrionariamente pode-se dizer que o propalado estilo de vida americano tenha surgido já na primeira metade do século XIX com a Doutrina Monroe. Nos anos 20 do século XX, o estilo de vida americano contrastou com a Europa arrasada pela Grande Guerra, mas cobrou alto preço a partir do final de 1929, com a quebra da continuidade material ao se perceber o *crack* da bolsa de Nova Iorque. É a partir do final dos anos 40, com o advento da Guerra Fria que o *american way of life* surge no cenário mundial como grande alternativa, enquanto modelo de vida coletivo, face a propalada escravidão e vigilância provocada pelo socialismo.

e a “desespiritualização” da sociedade¹³.

Por outro lado, é comumente sabido que Calvino e os protestantes reformados prezavam pela austeridade econômica, ou seja, trabalho e ganho maximizado juntamente com contribuição social. John Wesley e “seu povo chamado metodista”, bem como os batistas, costumavam viver os princípios bíblicos de mordomia, eram trabalhadores áduos e, em grande medida, viviam sob os moldes rígidos da comunidade baseada no Livro. Exatamente aí reside (apesar de outros fatores), segundo a teoria de Max Weber, a pujança dos países que abraçaram desde cedo a Reforma Protestante.

Portanto, pode ser feita a leitura simples que o terreno para a implantação do capitalismo extremo estava preparado nos Estados Unidos, desde o estabelecimento dos primeiros colonos. Mas o estilo de vida adotado ali maximizou esse capitalismo de mercado para além do praticado na Europa, sob o ponto de vista ideológico. Com o desenvolvimento do país e a oportunidade provocada pelos dois conflitos mundiais em 1914-18 e 1939-45, juntamente com a disputa pela hegemonia global, o rumo tomado por esse capitalismo saiu do escopo das linhas cristãs mestras que até então pareciam dominar o cenário estadunidense.

Feita essa rápida análise das questões contemporâneas, necessária para introduzir o proposto estudo de caso, é preciso ainda citar que surgiram nos Estados Unidos, a partir dos anos 30 do século XIX, algumas denominações religiosas que se tornaram igrejas distintamente estadunidenses, como os Santos dos Últimos Dias, comumente denominados Mórmons¹⁴. Fundadores de uma utopia profética e ampliando o conceito estadunidense de “terra da oportunidade”, passaram a ver sua própria terra como uma espécie de “nação eleita”.

Poucos anos após a fundação dessa igreja nasceram os Adventistas do Sétimo Dia, instituição que de alguma forma (assim como no caso dos mórmons) rompeu com o cristianismo dominante, mas (ao contrário destes) sem deixar o mundo “evangélico”¹⁵. É exatamente acerca dessa última denominação que se propõe um estudo de caso, a fim de buscar elementos que possam contribuir, em algum âmbito, com a proposta deste artigo.

¹³ Ao citar o termo “desespiritualização”, não quero negar todo o processo pentecostal e as miríades de denominações oriundas do processo, nem mesmo todas as outras que lá nasceram ou se estabeleceram. O enfoque, a essa altura do artigo é a percepção materialista enquanto “modelo” a ser seguido, apesar da religião, e não o contrário.

¹⁴ Para uma profunda análise acerca da constituição dos mórmons, recomendo a leitura do livro **La religión en los Estados Unidos: El surgimiento de la nación poscristiana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. 310 pp.

¹⁵ A Igreja Adventista do Sétimo Dia, apesar de receber membros de uma grande gama de distintas religiões cristãs, adota os preceitos fundamentais da Reforma, como por exemplo, a salvação unicamente pela graça divina, apesar de sua ênfase no cumprimento da Lei como resultado do alcance de graça. Contudo, essa clareza teológica não surgiu senão anos de discussões e toma sua forma atual a partir de 1888.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA E A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA: DISCUTINDO ALGUNS ELEMENTOS

Antes de tudo, é preciso afirmar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não surgiu no seio puritano e tampouco se declarou descendente direta da Reforma Protestante, embora adote a mentalidade dos primeiros tempos da Reforma, e, logo em seus inícios, o princípio da *Sola Scriptura*. Assim, pode ser considerada de espírito anabatista (por retornar apaixonadamente aos ensinamentos da Bíblia) mas se permite influenciar por algumas características do metodismo e do puritanismo, ainda que muitos de seus primeiros membros sejam oriundos das fileiras de denominações restauracionistas. Ao mesmo tempo não nega sua dívida histórica com relação aos reformadores e reavivamentistas tão distintos como Charles Beecher, Bengel, Calvino, Huss, Lutero, Oecolampadius, Tyndale, Zwinglio, Lefèvre, Bunyan, Charles Fitch, C.G. Finney, Froment, Gausson, Knox, Spurgeon, Williams e Wiclef¹⁶ entre outros.

Pouco a pouco em sua história, iniciada com o movimento profético reavivamentista de Guilherme Miller¹⁷- que propôs uma quebra de paradigmas - a Igreja Adventista do Sétimo Dia adotou um posicionamento coerente com a teologia bíblica implicada com o estilo de vida de seus membros. Esse posicionamento se deve ao fato da denominação pretender dar continuidade às reformas, que pelos mais diversos motivos, não foram levadas adiante pelos Reformadores¹⁸. Segundo Knight (2005:29), é justamente essa a “chama anabatista” a norteadora desse processo, pois:

o anabatismo pretendia um retorno completo aos ensinamentos da Bíblia. Para os anabatistas, era um erro parar onde Lutero, Calvino e Zwinglio tinham parado teologicamente. Em seu melhor, o anabatismo era um afastamento da tradição igreja e da formulação de credos, e uma aproximação dos ideais da igreja do Novo Testamento.

Teologicamente, a doutrina adventista “dança uma música diferente – em harmonia com o céu, mas dissonante com a Terra – onde o ritmo de vida é marginal às rotinas americanas, sendo perfeitamente simbolizada pelo Sábado do sétimo

¹⁶ Todos esses autores são citados por Ellen White no livro histórico-profético “O Grande Conflito”, onde ela exalta a contribuição de cada um para a clarificação e avanço do Evangelho.

¹⁷ Para maiores informações acerca da gênese do movimento adventista, vide o artigo escrito por mim e publicado na última edição (Volume 18) da Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia, sob o título: “O reavivamento milerita (1831-1844): Esperando Cristo voltar”. Disponível em <http://www3.est.edu.br/nepp/index>. ou através do Portal de Periódicos CAPES.

¹⁸ Segundo Ellen White, a reforma não foi obra acabada, iniciada por alguns no século XVI: “A reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Ela haverá de prosseguir até a conclusão da história terrestre. Lutero tinha uma grande obra a fazer, em refletir a outros a luz que Deus permitiu brilhar sobre ele; todavia, não recebeu toda a luz que devia ser dada ao mundo. WHITE, Ellen. **História da Redenção**. 10ª. Edição. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 353

dia.”¹⁹

Além da guarda do Sábado como dia especial da Criação e disposto no quarto mandamento (vigésima crença fundamental dos adventistas do sétimo dia), há outras duas crenças muito particulares, a saber: a doutrina do Santuário Celestial, que pressupõe que Cristo em 1844 passou do lugar Santo para o Santíssimo e hoje exerce sobre os homens e mulheres o juízo investigativo ao final do qual se dará Sua volta física e literal (vigésima quarta crença fundamental), e o “Dom de Profecia”, (décima oitava crença fundamental) exprimida nos escritos de Ellen White, considerada pelos membros da denominação “mensageira do Senhor”, sendo seus escritos “contínua e autorizada fonte de verdade que proporciona conforto, orientação, instrução e correção à igreja.”²⁰

Olhando apenas sob esse ponto, os adventistas do sétimo dia apresentaram ao mundo uma doutrina complexa, uma profetisa conselheira e altamente prolífica²¹, em grande medida ainda hoje questionada por razões tão diversas como o uso das fontes e mesmo seu real dom²² e um espírito dito legalista a tal ponto que remonta aos primórdios do cristianismo desprovido da graça (seria cristianismo?) e quase se confunde – segundo a crítica – com o judaísmo em alguns aspectos bem pontuais, ao aceitar certas práticas como o já comentado Sábado (embora em um contexto bem diferente) e certos preceitos alimentares estipulados no livro de Levítico.

Porém, ao perfazer uma análise mais profunda dos escritos de Ellen White, é possível visualizar fundamental recorte paradigmático ao incutir reflexão e mudança de atitude pessoal. Até aqui, contudo, o cristianismo tradicional apela, em grande medida, aos mesmos expedientes. A diferença fundamental é que ela acentua uma combinação de respeito e reciprocidade para com o ambiente natural como possibilidade de restauração e salvaguarda à própria vida como ponto central da restauração humana. Observando a natureza como testemunho do divino amor, tornamo-nos mais generosos e dependentes Daquele que nos criou²³. Assim, ela caminha, embora em área diferente, na mesma direção do cientista alemão Ernst Hackel que na mesma época (1869) cunhou o termo ecologia – que ela nunca utilizou – para designar as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem.

¹⁹ Cf. BULL, Malcolm e LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream**. Indiana: Indiana University Press, 2006. p. 246. (tradução própria)

²⁰ Cf. Apêndice do livro de Ellen White **Caminho a Cristo: passos que conduzem à certeza da salvação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1ª edição (neste formato distinto), 2008.

²¹ Em quase 70 anos de atuação firme na instituição, escreveu praticamente cem mil páginas, sendo metade delas acerca de saúde, não deixando à parte a interação sistêmica dos seres vivos.

²² Para maiores informações a esse respeito, sugiro a leitura do periódico da denominação nomeado *Review and Herald* de 26 de Julho de 1906, onde Ellen White responde sobre sua verdadeira vocação. O documento pode ser lido na íntegra através do sítio <http://www.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=27&SortBy=0&ShowDateOrder=True>

²³ Observações a partir de: WHITE, Ellen. **Caminho a Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p. 9 e WHITE, Ellen. **O Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005, p. 21.

Ellen G. White, como representante dos adventistas do sétimo dia, ao propor um retorno às raízes bíblicas a despeito das denominações existentes (por isso não aceitando um credo, mas doutrinas fundamentais) e ao mesmo tempo, levando a cabo através de suas publicações uma dinâmica de vida que preconizava também um retorno à vida simples interagindo se possível no campo e dele retirando o suficiente para viver, propôs alguns aportes à premissa da ideologia progressista do século XIX, que fortemente se apossava das mentes dos líderes estadunidenses. Foi precisamente durante a vida de Ellen White que os Estados Unidos deixaram de ser um país sumamente agrário para assumir, poucos anos depois, uma posição de hegemonia mundial até hoje mantida. Portanto, os adventistas não só surgiram, em princípio como um pequeno contraponto, ténue voz dissonante a alguns elementos da nova construção da identidade estadunidense (embora não fosse necessariamente o único grupo que almejasse reformas de saúde, entre outras), mas ao mesmo tempo participaram dela, pois os membros da denominação, fiéis aos ensinamentos bíblicos e leitores dos comentários de Ellen White, também estavam a trabalhar em prol da pátria, contribuíram, ainda que às avessas, para a realização dos ideais progressistas²⁴ da nação, embora objetivassem questões fundamentais, como o alistamento militar (em plena Guerra da Secessão!), para citar um único exemplo.

A GUARDA DO SÁBADO E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Um dos pontos centrais para a compreensão da alegada mudança de paradigma no contexto estadunidense através da formação do adventismo do sétimo dia reside no significado da guarda do Sábado pelo grupo. Já havia na época uma denominação batista do sétimo dia²⁵, porém a forma da guarda e a própria concepção do dia de descanso era diversa e ainda o é atualmente. Para o adventista do sétimo dia o Sábado é um memorial da Criação divina²⁶, o momento crucial e mais importante de toda a semana. Todos os membros são convidados a abandonar qualquer atividade comercial ou acadêmica e são motivados inclusive a manter longe dos olhos qualquer documento ou utensílio que os remeta aos dias cotidianos. O Sábado para eles

²⁴ Talvez a mais límpida evidência esteja no fato de adventistas do sétimo dia servirem na Grande Guerra, tanto nos Estados Unidos quanto na Alemanha, provocando um cisma que levou a fundação de denominação dissidente, os Adventistas da Reforma, que acusavam os Adventistas do Sétimo Dia de se juntar “à grande Babilônia”.

²⁵ Segundo KNIGHT, 2005, p.35, “por volta do século XIX, as idéias puritanas sobre o sabbatismo haviam se infiltrado no pensamento geral dos religiosos dos Estados Unidos”.

²⁶ Segundo White, “No Éden, Deus estabeleceu o memorial de Sua obra da criação, depondo a Sua bênção sobre o sétimo dia.” Pelo original:

In Eden, God set up the memorial of His work of creation, in placing His blessing upon the seventh day. WHITE, Ellen. **Patriarchs and Prophets**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1958, p.48.

começa assim que o Sol se põe no horizonte ainda na sexta-feira, de acordo com o preceito bíblico, terminando no pôr do sol do próprio Sábado. Às sextas à noite os membros costumam se reunir para entoar um cântico e ler juntos a Bíblia. Na manhã de Sábado, todos participam do culto e há atividades religiosas também às tardes, embora muitos aproveitem o espaço para visitas e o descanso literal do corpo. Deve ser estrita a observação deste dia, para que o corpo e a mente tenham as forças reestabelecidas. Esta ideia central deve ser inculcada nos jovens desde a mais tenra idade. Segundo Ellen White (1992:320):

Os pais estão no lugar de Deus em relação aos filhos a fim de dizer-lhes o que devem e o que não devem fazer, com firmeza e perfeito domínio próprio. Cada esforço por eles feito com bondade e autodomínio cultivará em seu caráter os elementos de firmeza e decisão. Pais e mães estão presos ao dever de estabelecer esta questão bastante cedo para que a criança não pense em quebrar o sábado, em negligenciar o culto religioso e a oração em família mais do que pensaria em roubar. Os pais devem, com as próprias mãos, construir a barreira.

Porém, o que chama efetivamente a atenção desde os primórdios é que ao menos durante as horas sagradas do sétimo dia, existia (e existe) uma interação do homem com a natureza. É quando o homem torna-se parte da Criação divina, submisso ao amável Deus que tudo conduz, aprendendo com a natureza e dela extraindo seus recursos que ele pode gozar plenamente - tanto quanto possível em um mundo já desestruturado pelo pecado – das bênçãos e da plenitude de um filho de Deus. Não existe outra forma de crescimento que não passe por esse aprendizado, segundo a teologia adventista. A Natureza é um dos temas centrais e imprescindível para a compreensão do próprio Deus, Autor da Natureza. Portanto, não há religião sem interação com a obra divinamente criada. Novamente de acordo com Ellen White (1998:107):

Há maravilhosas verdades na Natureza. A terra, o mar e o céu estão cheios de verdade. São nossos mestres. A Natureza proclama a sua voz em lições de sabedoria celestial e de verdade eterna. Mas o homem decaído não quer entender. O pecado obscureceu-lhe a visão, e não pode por si mesmo interpretar a Natureza, sem sobrepô-la a Deus. Lições corretas não podem impressionar o espírito de quem rejeita a Palavra de Deus. Os ensinamentos da Natureza são tão pervertidos que afastam a mente do Criador.

Portanto, existe latente no seio da denominação uma consciência planetária desmesurada, ainda que não imediatamente percebida, que dentro desse contexto, não surpreende o fato dela proclamar em alta voz o vegetarianismo como ideal cristão de alimentação²⁷, de tal sorte que assim não se aconselhe o abate de animais²⁸,

²⁷ John Kellog, adventista do sétimo dia da primeira geração, cria o floco de milho que até hoje leva o seu nome como contraponto ao bacon, que já era consumido no jejum desde aquela época. O exemplo mostra que havia esforços reais para levar a teoria às mesas dos estadunidenses, oferecendo subsídios para uma verdadeira reforma na saúde.

²⁸ Segundo White, “A ideia de matar animais para comer é, em si mesma, revoltante. Não houvesse o senso natural do homem sido corrompido pela condescendência com o apetite, e as criaturas

fragilizando a rede sistêmica de interação entre todos os seres do planeta. Ao voltar-se para a Bíblia, em muitos casos tendo como referencial o idílico da Criação onde nos primeiros tempos não se conhecia o pecado, ela sugere que o consumo exarcebado da carne e outros alimentos nocivos, bem como práticas não condizentes à Lei divina, é “não natural”. White (2005:61) assim expressa:

Alguns sacrificam obrigações físicas e morais, tentando encontrar felicidade, e perdem tanto a alma como o corpo. Outros buscarão a felicidade na condescendência com um apetite não natural, e consideram a satisfação com o paladar mais desejável do que a saúde e a vida. Muitos se deixam encadear pelas paixões sensuais, e sacrificarão o vigor físico, o intelecto e as energias morais à satisfação da concupiscência. Cavarão para si mesmos, prematuramente, a sepultura e, no juízo, serão acusados de suicídio.

Essa retomada ao imemorial passado do homem perfeito, já justificado, agora em processo de santificação e vivendo em melhor sintonia com a natureza, em um ambiente mais favorável e provedor de necessidades remete a um tempo onde justamente a vida em contato mais pleno com Criador e criaturas transformava a existência em um verdadeiro “jardim de delícias”, para citar a obra de Hieronymus Bosch. A continuidade dos tempos e a chegada do pecado no mundo transformaram a paisagem e aos poucos foi diminuindo no homem a capacidade de admiração do espetáculo criado por Deus, além do próprio intelecto. Segundo a literatura, Ellen G. White sob hipótese alguma duvidou da literalidade do texto bíblico que remete à Criação. O relato da Criação do primeiro livro da Bíblia, para ela e para os adventistas, aconteceram exatamente da forma como conta o texto. Nesse caso, em seis dias tudo foi criado para que justamente no sétimo, houvesse da parte de Deus o descanso que serviria de exemplo aos homens de todas as épocas como o já citado memorial da criação. É efetivamente por causa da expressa guarda do Sábado e todas as suas implicações que os adventistas propuseram uma nova premissa ao sonho americano. De acordo com Bull e Lockhart (2006:247) “os adventistas do sétimo dia negam o sonho americano usurpando o papel redentivo da nação e se apropriando do Sábado como um teste de propósitos ou efeitos coletivos²⁹”.

A questão pode ser mais concretamente analisada quando, a partir da década de 1880, os adventistas do sétimo dia realmente foram obstáculos para proteger o “dia do Senhor”. Segundo Knight (2005:93):

(...) o adventismo se achava em meio a uma segunda crise escatológica sem precedentes³⁰. Desde a década de 1860, a Associação Nacional da Reforma e outros grupos vinham lutando vigorosamente pela cristianização dos Estados

humanas não haveriam pensado em comer a carne dos animais”. Conforme o original: “The thought of killing animals to be eaten is in itself revolting. If man’s natural sense had not been perverted by the indulgence of appetite, human beings would not think of eating the flesh of animals. WHITE, Ellen. **Evangelism**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1970, p.664.

²⁹ O referido livro não existe em português e a tradução é própria.

³⁰ A primeira foi justamente a não vinda de Cristo em 22 de Outubro de 1844, como previu Guilherme Miller.

Unidos. Um princípio importante da plataforma da associação era o desejo de proteger a santidade do domingo.

Perseguições e prisões localizadas - a exemplo do filho mais velho de Ellen White, cuja gráfica que ele gerenciava abria às portas aos domingos – aguçaram no grupo de fiéis adventistas a esperança na volta de Cristo. Seja como for, a doutrina foi mantida intocada.

Na mesma década, Ellen White, ao publicar seu livro clássico “O Grande Conflito” comentou efusivamente acerca das tentativas históricas de unir as leis civis às leis divinas, como sendo danosas ao povo. O cristão deveria ser o “sal da terra”, pronto a estender a mão e ajudar ao próximo, de acordo com as instruções bíblicas. Contudo, as leis de Deus, deveriam ser aceitas não por imposição, mas pela implícita vontade humana. Fazer do “falso Sábado”, o dia do Senhor, um preceito antes relegado somente à esfera religiosa certamente poria em risco a sistematicidade relacional do cristão para com o Criador, segundo a teologia adventista. Na década de 1880, com as perseguições e resistências, foi quebrada a pretensa unidade de pensamento ideológico estadunidense ficando os adventistas, em alguma medida, à margem dessa construção ao proporem alternativa diversa e minoritária. Em 1903, Ellen White em sua “coluna” no jornal da denominação *Youth’s Instructor* escreveu que “o Deus da Natureza não intervirá para preservar os homens das conseqüências de transgredir os requisitos da Natureza³¹”. Portanto, duas décadas depois, essa “intransigência” continuou evidente no pensamento institucional ao propor que a transgressão dos requisitos da Natureza incluía também a guarda dos mandamentos, feitos para a preservação do homem. Caso um deles fosse quebrado, em qualquer um dos princípios que dela emanam e toda a sistematicidade da Natureza, projetada na Criação ficaria (como se apresenta) em desequilíbrio. No poético trecho do livro *O Desejado de Todas as Nações*, comenta, White (2005b:20) que

Nenhum pássaro que fende os ares, nenhum animal que se move sobre a terra, deixa de servir a qualquer outra vida. Folha alguma da floresta, nem humilde haste de erva é sem utilidade. Toda árvore, arbusto e folha exalam aquele elemento de vida sem o qual nenhum homem ou animal poderia existir; e animal e homem servem, por sua vez, à vida da folha, do arbusto e da árvore. As flores exalam sua fragrância e desdobram sua beleza em bênção ao mundo. O Sol derrama sua luz para alegrar a mil mundos. O próprio oceano, a origem de todas as nossas fontes, recebe as correntes de toda a terra, mas recebe para dar. Os vapores que lhe ascendem ao seio caem em chuviros para regar a terra a fim de que ela produza e floresça.

Para que houvesse essa interação entre todos os seres humanos, vagorosamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, baseada nos escritos de sua escritora prolífica, sugeriu enfaticamente que as pessoas abandonassem as grandes cidades e adquirissem

³¹ Ao tratar dos “requisitos da Natureza”, ela fala do funcionamento harmônico da obra do Criador, percebida, inclusive, na natureza. Os ideais da nação, de servir de exemplo para o mundo não poderiam ser completados se os homens fugissem às leis naturais e vivessem uma vida mais contemplativa, mas não menos disposta a sanar os anseios existenciais.

casas nos campos. Dessa forma, a moral não se corromperia tanto e haveria mais saúde e qualidade de vida. Ainda mais: os luxos excessivos e prazeres vis dos centros onde o capitalismo imperava hegemônico criariam novos obstáculos para dificultar o relacionamento entre Deus e o homem.

Era necessário sair desses lugares para que as tentações mundanas fossem mais firmemente contidas. Novamente essa prática se arvorou contrária ao pensamento majoritário estadunidense. Ao propor que as pessoas se possível deixassem as cidades, ela simplesmente propôs, implicitamente, a diminuição do consumo de bens materiais, rompendo um dos ideais do *american way of life*. Sua crítica para com o sindicalismo nascente e os monopólios, bem como para com a ociosidade provocada pelos dias cada vez maiores de feriados forneceu elementos para uma melhor compreensão da prática de vida dos adventistas, suportados por literatura e fundamentos condizentes. Diz ela (1994:363-364):

A vida nas cidades é falsa e artificial. A intensa paixão de ganhar dinheiro, o redemoinho da exaltação e da corrida aos prazeres, a sede de ostentação, de luxo e extravagância, tudo são forças que, no que respeita à maioria da humanidade, desviam o espírito do verdadeiro designio da vida. Abrem a porta para milhares de males. Essas coisas exercem sobre a juventude uma força quase irresistível. Uma das mais sutis e perigosas tentações que assaltam as crianças e jovens nas cidades é o amor dos prazeres. Numerosos são os dias feriados; jogos e corridas de cavalos arrastam milhares, e a onda de agitação e prazer atraí-os para longe dos sóbrios deveres da vida. O dinheiro, que deveria haver sido economizado para melhores fins, é desperdiçado em divertimentos. Em razão de monopólios, sindicatos e greves, as condições da vida nas cidades estão se tornando cada vez mais difíceis. Sérias aflições encontram-se diante de nós; e sair das cidades tornar-se-á uma necessidade para muitas famílias. O ambiente material das cidades constitui muitas vezes um perigo para a saúde. Estar constantemente sujeito ao contato com doenças, a prevalência de ar poluído, água e alimento impuros, as habitações apinhadas, obscuras e insalubres, são alguns dos males a enfrentar.

Em uma única palavra, o caráter fundamental da teologia adventista, em face da Hipermodernidade mais do que nunca se encontra como uma opção franca para o enfrentamento desse progresso problemático, mas justamente em seu bojo, a Hipermodernidade refuta o elemento principal para assimilação desses conceitos: a fé. É preciso ter fé para crer no Deus da Criação. É necessária fé enfática para crer que o Sábado é o memorial da Criação e sua observação, bem como a dos outros mandamentos, é para a salvaguarda humana. De todo modo, a própria literatura adventista deixa claro que esta fé, sempre que possível, deve estar alicerçada à razão, de forma muito equilibrada³².

Além disso, é preciso um constante exercício de abnegação e domínio próprio para que exista resistência convicta aos prazeres proporcionados e implementados nas últimas décadas do século. Em suma, é preciso renunciar em grande medida a

³² Segundo ela: “É dever de todos estudar os vários pontos de nossa fé, para que estejam preparados para dar a razão da esperança que há neles, com mansidão e temor. Review and Herald, 1º de abril de 1880. In: White present truth and Review and Herald Articles. Washington: Review and Herald, 1962.

um esforço mundial de desenvolvimento tecnológico e industrial de massas para que ocorra uma volta aos princípios da Natureza. Essa consciência planetária latente convida os seres humanos a dar um passo atrás em relação àquilo que se mostra no cenário mundial, para que seja possível dar dois passos para frente em busca de um equilíbrio e interação. Em suma, eis o “desequilíbrio” entre a Terra e o Céu, já citados. Para isso, seres humanos íntegros e com firmes propósitos são chamados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do exposto, acredita-se que os adventistas podem contribuir sobremaneira para a sistemática mudança na consciência do planeta com relação ao meio ambiente e ao Criador, porém, ainda há muito o que caminhar em termos práticos, pois a necessidade do mundo é grande e talvez não estejam contribuindo como poderiam³³. Apesar disso, suas crianças e pré-adolescentes, devidamente inscritos em grupos conhecidos como “Desbravadores”³⁴ saem para acampar e conhecer com toda a profundidade possível a uma criança a Natureza e o que ela proporciona. Acampamentos de jovens e adultos, como uma espécie de retiro das cidades é comum, mas é necessário e possível ainda mais.

À guisa de conclusão, deve-se dizer que os adventistas do sétimo dia, enquanto denominação religiosa soberana e cristã, propõem de forma firme e prática elementos que proporcionem um pensar crítico e consciente acerca das questões planetárias que assombram a contemporaneidade. A Natureza, entendida como obra de Deus e o homem, como coroação da divina criação, segundo a teologia adventista, foram criados para viver sistematicamente e em relação de total dependência, sob pena de desequilíbrio ecológico e, conseqüentemente, desestruturação do ser humano.

Considera-se que a chave para essa interação, o Sábado do sétimo dia, é uma espécie de “memorial da Criação” onde todos os membros são convidados a deixar suas atividades para durante esse período existir dedicação plena às coisas do alto e possibilidades de apreciação da obra do Senhor. A quebra dessa prática estabelecida no Decálogo significa, além da perda de identidade, a perda também dos elementos que proporcionam ao homem as energias vitais para que ele continue livre e soberano, porém submisso a Deus, como parte integrante do todo da Natureza.

³³ Cf. Adams, Roy. “Present Truth – Another Angle”. *Adventist Review*. Vol. 178. Dezembro 2001:6

³⁴ A primeira sociedade de jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi estabelecida em 1879. Hoje, o Clube de Desbravadores é composto por milhares de jovens em todo o planeta. São promovidos acampamentos, aulas de educação moral cristã, marchas, ajuda a instituições de caridade entre muitas outras atividades. A questão da natureza e da consciência planetária é central, pois boa parte do aprendizado leva em consideração o cuidado com os animais, a observação das árvores e plantas em geral, além de preconizar uma vida equilibrada, utilizando parcimoniosamente os recursos da Terra, evitando ao máximo sua agressão.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Roy. "Present Truth – Another Angle". IN: **Adventist Review**. Vol. 178. Dezembro 2001:6.

BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos**: El surgimiento de la nación poscristiana. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BULL, Malcolm e LOCKHART, Keith. **Seeking a sanctuary**: seventh-day adventism and the american dream. Indiana: Indiana University Press, 2006.

CARSON, Rachel. **Silent spring**. New York: A Crest Reprint, 1962.

DARIUS, Fábio A. **O movimento milerita**: esperando Cristo voltar. Revista Eletrônica Protestantismo em Revista, vol. 18, ano 7, nº 4. Disponível em <http://www3.est.edu.br/nepp/index.htm>.

DREHER, Martin. **A igreja latino americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

HOBSBAWM, Eric John. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JAGUARIBE, Helio. **Um estudo crítico da história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KNIGHT, Georg. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; Charles, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEGNER, Uwe. **Bíblia e Ecologia**. Belo Horizonte: CEBI, 1992.

WHITE, Ellen. **Caminho a Cristo**: passos que conduzem à certeza da salvação. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1ª edição (neste formato distinto), 2008.

_____. **Ciência do Bom Viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 7ª Edição, 1994.

_____. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira. 5ª Edição, 1977.

_____. **Evangelism**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1970.

_____. **Filhos e Filhas de Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 1ª

Edição, 2005.

_____. **O desejado de todas as nações.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 22ª Edição, 2005.

_____. **Grande conflito.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 42ª Edição, 2004.

_____. **O lar adventista.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 8ª Edição, 1994.

_____. **Parábolas de Jesus.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 11ª Edição, 1998.

_____. **Patriarchs and prophets.** Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1958, p.48.

_____. *Review and Herald.* 26 de Julho de 1903. Disponível em <http://www.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=27&SortBy=0&ShowDateOrder=True>

_____. **White present truth and Review and Herald Articles.** Washington: Review and Herald, 1962.

ZUILL, Henry. **Os cristãos deveriam se preocupar com o meio ambiente?** Disponível em http://dialogue.adventist.org/articles/19_1_zuill_p.htm. Acessado em 15/02/2009.